

2º Concurso FNLIJ Leia Comigo! 2003

Relato Real:

O DUENDE JOÃO VIEIRA

Autor: Alberto Moby Ribeiro da Silva

Mesmo agora, passados cinco anos de sua morte, ainda é muito difícil para mim descrever quem ele era e o que foi para a minha vida. Seria simples demais dizer que ele era tio da minha mãe que, por uma dessas imponderabilidades da vida, se viu na condição de, fazendo um favor à irmã, Maria, mãe da minha mãe, adotá-la como filha. Na verdade, continuo desconfiando que ele era um duende, um gnomo, um gênio e que, na verdade, tinha ao morrer muito mais do que os 92 anos de idade que dizia ter – se é que realmente morreu e não apenas encheu o saco de fingir que tivera uma filha adotiva, netos adotivos, bisnetos adotivos.

Vamos aos fatos. Chamava-se João Vieira de Mattos. Nasceu num lugarejo chamado Inhaúma, distrito de Sete Lagoas, cidadezinha a 70 quilômetros de Belo Horizonte, em 1906, tempo em que BH ainda era praticamente uma abstração e Inhaúma, um capão de mato. Aos 19 anos de idade era absolutamente analfabeto, como a quase totalidade dos moradores de Inhaúma, e nunca tinha visto luz elétrica. Decidido a viver em condições um pouco melhores que a de seus pais, decidiu ir tentar a vida em Belo Horizonte – na verdade, Caeté, hoje parte da região metropolitana da capital mineira -, onde conheceu Albertina Maria da Conceição Seabra, com quem se casaria sem nunca ter beijado.

Em BH as coisas não aconteceram como era esperado. Como se não bastasse, o marido alcoólatra de uma de suas irmãs, Maria da Conceição, que tinha oito filhos, um dia saiu para comprar cigarros e nunca mais voltou. Cada um dos irmãos tentou se responsabilizar por um dos oito filhos da irmã Maria. Nenhum deles, ao que parece, levou tão a sério a tarefa. Já pai de uma filha e com dificuldades de orçamento bastante grandes, mesmo assim resolveu pegar para criar a minha mãe, Eunice, que pouco tempo depois se tornaria a única filha de fato, pois a filha biológica morreria em decorrência de uma crise de crupe.

Foi sob essas condições que a família veio tentar a sorte no Rio de Janeiro, então capital federal, onde parecia haver mais oportunidades. Eram os tempos de Getúlio e da II Guerra Mundial e não foi nada fácil para um casal de matutos analfabetos com uma filha que nem filha de verdade era se estabelecer no Rio.

Foram tantos os lances dessa vida de dificuldades, suor e determinação que nem vale a pena relatar. Encontramos o casal e sua filha, já noiva, em meados dos anos 50, mudando-se do bairro de Santa Teresa, no centro da capital, para o então longínquo e isolado bairro periférico de Campo Grande, onde a família havia adquirido um modesto imóvel graças a um plano de habitação popular do Instituto de Assistência e Previdência dos Comerciantes – IAPC. Diz uma versão familiar que a verdadeira razão da mudança foi a tentativa de afastar minha mãe do noivo Jari, o homem que viria a ser meu pai, pois o namoro dos dois era considerado muito indecente. Acreditavam que a distância esfriaria a relação. Não esfriou. Mas, para a felicidade de todos, o

casal assanhado acabou se casando e foi assim que eu pude estar aqui, hoje, para contar essa história.

* * *

Por (muitas) razões que não vêm ao caso, parece que João Vieira e Albertina resolveram experimentar em mim uma nova chance como pais, decepcionados com o resultado do projeto educacional realizado em minha mãe. Nos planos de João Vieira estava, por exemplo, a miminha alfabetização antes que eu chegasse à escola. No entanto, sábio que era, não quis fazê-lo sem que antes pudesse me fazer entender a importância e o prazer da leitura. E foi aí que pude descobrir que, ao invés de “avô adotivo”, na verdade tive o privilégio de ter um mago-protetor, um anjo da guarda, um duende particular, sei lá. Vale dizer que o pouco contato que teve com a educação formal foi decorrente de um curto período como aluno do Liceu Literário Português, no centro da cidade, quando freqüentou, após o horário de trabalho, o então denominado Curso Primário.

Foi assim. Um dia, não me lembro qual, quando eu tinha por volta de quatro anos, ele me apareceu com um livro. Não era um livro qualquer, era o número um da coleção de histórias infantis chamada Jóias dos Contos de Fadas, da Editora Vecchi (que eu, depois que aprendi a ler, chamava de Vexí). Imagino que, para a época, essa coleção fosse absolutamente inovadora: a capa era colorida, brilhosa e dura, à prova de menino; o formato era o que hoje chamamos de paisagem (acho que A4 deitado); era ricamente ilustrado, embora não desprezasse o texto escrito. Fiquei fascinado.

Foi assim. Nesse dia ele chegou do trabalho e depois do banho me pediu que sentasse na cama, ao seu lado, e começou a me arrastar com sua voz ao mesmo tempo firme e suave pelo mundo de Aladim e a lâmpada maravilhosa. Depois de ler toda a história, me deu o livro para folhear, ver, cheirar, acariciar, mas disse que eu tinha que devolvê-lo porque aquele tesouro pertencia a um gênio, que lhe havia emprestado o livro com a condição de que fosse devolvido no dia seguinte. Condição sem a qual, aliás, não emprestaria outros livros – se eu me interessasse, claro...

A esse mágico e maravilhoso dia se seguiram vários outros e outras histórias: a da princesa Raio de Sol; Branca de Neve e os sete anões; Nino e Rita (descobri, depois, que se tratava da versão italiana de Hansel e Gretel – ou João e Maria); a bela adormecida do bosque; o Gato de Botas e tantas outras histórias. O ritual era sempre o mesmo: a chegada do trabalho, o banho, a sessão de leitura. Às vezes, no entanto, talvez por cansaço (a viagem do centro do Rio até Campo Grande durava cerca de 2 horas – isso depois de um dia cansativo de trabalho...), ele suspendia a leitura, o que me deixava extremamente frustrado. Mas, sábio que era, ele tinha o argumento perfeito: naquela tarde não seria possível contar uma história porque o gênio que lhe emprestava os livros havia sofrido um acidente de bonde, quebrara o pé e por isso não tinha podido ir ao encontro e, portanto, não tinha fornecido a leitura do dia.

Não sei exatamente quanto tempo durou essa viagem pelo mundo da fantasia e da leitura. (Na verdade, acho que ela ainda não acabou...) A coleção tinha apenas 25 livros, mas até hoje me sinto como se tivéssemos passado

um ano ou mais nessa aventura. Quando acabou de ler todos os livros, meu avô dispôs todos eles, lado a lado, cobrindo praticamente toda a cama – que minha avó havia forrado aquela tarde com sua melhor colcha – e me disse: “São seus! O gênio disse que os filhos dele já estão rapazinhos e que não se interessam mais pelos livros. Como eu disse a ele que você gostou muito dos livros e que está aprendendo a ler, ele achou que seria melhor os livros ficarem com você.”

Foi nesses livros, não numa cartilha, não na escola, que eu aprendi a ler, alfabetizado por esse ser mágico que se dizia chamar João Vieira de Mattos, nascido no dia 23 de junho de 1906 em Inhaúma, Sete Lagoas, Minas Gerais, Brasil. Na verdade, na verdade, acho que ele nasceu foi nos bosques da Escócia nos tempos dos duendes ou que veio de Bagdá dos tempos das mil e uma noites. Você não acredita? Pois esta é a minha versão. Quem quiser que conte outra.

Relato Ficcional:

ESTRANHOS HABITANTES DO FUNDO DO MAR

Autora: Simone Saueressig

Novo Hamburgo – RS

- Vó, lê pra mim?

Todos os dias, à hora de dormir, aquele pedido. Ouviu-o primeiramente em certa noite de verão, quando o calor no levava a deixar as portas abertas. Vivíamos em apartamentos pegados uns aos outros, sete deles, no segundo andar de um prédio que abrigava, no térreo, uma farmácia, uma loja de roupas infantis, uma fruteira e uma mecânica de automóveis de péssimo ver. Os apartamentos, muito pequenos, tinham poucas aberturas, sobretudo os cinco centrais. Uma porta, que dava para a sacada comum que também fazias as vezes de corredor, e uma janela. Nos fundos, a janela da minúscula cozinha e a basculante do banheiro. Havia gente que chamava isso de lar.

O calor tinha me levado à sacada e a falta de pagamento da conta de luz me deixara na escuridão. Escorei-me no pilarzinho que sustentava as telhas de amianto e acendi um cigarro, justamente quando a janela do apartamento pegado ao meu se iluminava e uma mulatinha de uns oito anos saltava para cima da cama improvisada permanentemente no que deveria ser a sala. A avó, uma senhora de seus sessenta anos, gorducha e simplória, sentou-se ao lado da menina e tomou um volume grande, de capa suja e destartalada, ainda que colorida, e pôs no nariz os óculos que usava quando fazia crochê, dezenas de toalhinhas de crochê que depois eram comercializadas na feira. Um paliativo para o desespero e para o salário mínimo que recebia pelas faxinas que eram seu ganha-pão.

- *Qui* história *ocê qué ouvi* hoje? – indagou a avó, muito tranquila.

- Uma de marinheiro.

A mulher procurou no volume uma ilustração chamativa de fundo de mar, mostrou-a à netinha, depois sentou-se confortavelmente e contou a incrível história de um pescador que, tendo se perdido no Mar do Caribe, encontrou uma ilha flutuante, feita de algas. Na tal ilha deparou-se com um monstro marinho que o levou até um tesouro afundado. Depois de mil peripécias dignas de Simbad, o marinheiro e o monstro conseguiram resgatar

as jóias da arca podre, pedra por pedra, até que juntaram sobre a superfície verde um montão assim de coisas preciosas, com as quais o marinheiro tencionava comprar sua passagem de volta à civilização, tão logo avistasse um navio. Mas quando o navio chegou, ficou com tal pena do monstro marinho, que não teve coragem de abandonar a ilha e ali permaneceu com seu amigo e companheiro, ao lado do qual morreu, pouco tempo depois, de inanição e sede. Quando a narrativa terminou, a menina ressonava baixinho, suavemente, alheia à tragédia que a avó tirara do livro – história, aliás, que me deixou chocado. Jamais ouvira ou lera semelhante relato para uma criança. O final era tão amargo, que por pouco deixei escapar o detalhe mais curioso da narrativa: de vez em quando a senhora virava a página em sentido, para logo em seguida volta-la ao sentido anterior, indo e vindo como se o texto estivesse espalhado em diferentes blocos, dispersos de qualquer maneira nas páginas. Além do mais, era curioso que uma história tão animada, cheia de aventuras e lances rocambolescos, fosse caber em tão pouco espaço.

Dias depois, voltando mais tarde do que de costume do trabalho, surpreendi a mesma voz fazendo o mesmo pedido através da janela aberta. Curioso, aproximei-me e espiei. Lá estava a senhora com o livro velho e colorido, o mesmo de dias anteriores.

O trânsito das páginas também era igual, mas o tema dessa vez era “caravanas” e a ilustração continha algo de carroças e cavaleiros. A história... a história era igualmente igual: um valente desbravador separava-se de sua comitiva e ia dar em uma caverna, onde vivia uma criatura estranha e diferente, que o ajudava a resgatar certo tesouro que lhe valeria uma passagem na próxima caravana, mas cuja oportunidade se perdia, porque o homem não se animava a deixar seu monstruoso mas fiel companheiro. A tragédia não era muito diferente, mas a menina não ouvia o final, porque já estava dormindo. Em outra ocasião, ouvi um relato em tudo parecido, cujos protagonistas eram uma destemida princesa e um amável dragão. E depois um ratinho e um gato velho. E um rapazola e um fantasma – ao final desse conto, pelo menos, o rapazola também se transformava em um fantasma, e então ambos passavam a assombrar juntos um velho castelo, onde ninguém aparecia jamais. Esse foi o mais parecido a um final feliz que ouvi a vizinha tirar daquele livro.

Então, um certo domingo, já cansado de ouvir a mesma história em diferentes cenários, com diferentes personagens, resolvi perguntar que livro era aquele que a avó lia para a neta à noite.

A mulher, que estava sentada fazendo o seu crochê enquanto a neta fazia a lição de casa na cozinha, como todos os domingos, dirigiu-me um olhar do qual jamais esquecerei, o olhar de todas as avós quando os netos descobrem que não existe papai Noel nem Coelho da Páscoa. Penosamente, parecendo mais velha do que era, a mulher levantou-se e foi buscar o volume, cujo título li, estupefato: *Enciclopédia do Saber – Volume 4*, Folhei o livro ao acaso, sem compreender, até deparar-me com a ilustração submarina que ela mostrara à neta em um dia distante. O título do artigo era “Estranhos habitantes do fundo do mar”. Voltei a página e ali estava a continuação do artigo, com ilustrações coloridas de bichos diversos e abissais – o monstro da ilha de algas. Passando aquela página, o artigo seguinte era sobre frutas cítricas, o que elucidava o mistério de ir e vir sobre a mesma folha, sempre. Mas não o mistério da história aventureira e trágica do homem que dera a vida pela

solidão do monstro. Levantei uns olhos indagados, surpresos, e a mulher baixou os seus, profundamente envergonhada.

- Ah, sabe, "seu" Rogério, eu nunca aprendi a *lê*. *Mais* acho importante que a Lucinha *vai* na escola *pra lê* e *escrevê*, e *sê arguê*m na vida – disse ela em tom de confissão. – *I* como a professora *mi diss*i que é bom *pras criança* que os pais *lê pra elas*, *pra elas i* pegando o gosto pela leitura, eu *aresorvi inventá* que *tava* lendo. *I* deu certo, porque a minha Lucinha já *tá* lendo tudo que é uma beleza.

Fechei o livro com as mãos trêmulas. Molhei os lábios.

- Mas, e essa história, Dona Maria, de onde a senhora tem essa história? – murmurei.

- Eu inventei ela. Só sei essa, por isso sempre conto a mesma. É *pra* Lucinha *i inf*ando essa idéia na cabeça: ela não pode *querê fica* comigo, como o moço da ilha, *ô o do oeste*, *ô a princesa do dragão*. Ela ter que *pegá* a *primera* oportunidade que *aparecê*, e *i* embora, nem que seja *pra dexá* desse "monstro" *véio* aqui *pra trais*. Ela tem de *i pra* um *lugá mió*, porque eu amo ela *i* ela merece isso.

- Ah, Vó!

Nos voltamos num susto e vimos Lucinha, que devia estar do outro lado do apartamento fazendo a lição, parada na porta. Segurava a cartilha do ABC, os dedinhos aferrados cruelmente no livro de segunda mão. Parecia zangada. Logo correu para o regaço da velha e enterrou o rostinho no colo generoso da mulher. Ficamos imóveis por um momento, a menina estremecendo, a velha chorando em silêncio e eu me sentido um biltre por desvendar um mistério que não corria na minha conta. Finalmente, Lúcia levantou o rosto, sentou-se no colo de Maria e a olhou muito séria. Depois abriu a cartilha na primeira página.

- Olha, Vó, a primeira lição que a professora me ensinou foi essa: esse é o A, esse o B, o C, o D, o E, o F, o G, o H, o I, o J, o M, o N, o O, o P, o Q, o R, o S, o T, o U, o V, X e o Z. Olha só: o B e o A fazem "ba". O T e o A fazem "ta". E com isso a gente pode escrever "batata", viu só? Vamos ler juntas?

A velha hesitou. Depois, muito devagar, o dedo, encarquilhado e torto de tanto pano de chão e agulha de crochê, deslizou por baixo das palavras e ela leu "batata". Depois, juntas, batalharam por "casa", "mesa" e "cama". Conseguiram ler "gato", mas Dona Maria tropeçou em "prato" e Lucinha teve de ajudar. Deu uma mãozinha em "barco" e também em "pedaço", por causa do cedilha, mas "lâmpada" e "luz" saíram sozinhos. Me afastei de mansinho, levando o volume quatro da *Enciclopédia do Saber* debaixo do braço.

Já fazem alguns meses que isso aconteceu. O volume está ali, na estante, esperando como um velho amigo. Hoje quando elas chegarem, vou devolvê-lo. Dona Maria me perguntou ontem se eu gostaria de ajudá-la a ler o artigo sobre os peixes para Lucinha esta noites, antes dela dormir.